
Textos, coisas e pixos: as inscrições no prédio da antiga sede da Ocupação Vicentão¹

Eliza Caetano ALVES²
Universidade Federal de Minas Gerais, MG

RESUMO

A partir da observação de um pixo feito em um edifício do hipercentro de Belo Horizonte, o presente artigo busca formas de observar os pixos feitos em um edifício do hipercentro de Belo Horizonte de maneira a buscar, ao menos parcialmente, sua complexidade signíca e de relações. Foram realizadas incursões livres ao local, atentas especialmente à chave das relações que aos pixos estabelecem com os elementos que mobilizam ao constituir-se como texto - a cidade, o prédio em que se encontram, sua história e aqueles que a ocuparam, as pessoas que se movimentam em volta. A partir dessa observação, buscamos aproximar as ideias de coisa e de texto, ambos produzidos continuamente e em transformação, na fricção e no movimento de tudo aquilo que articulam.

PALAVRAS-CHAVE: pixo; cidade; texto; coisa.

TEXTO DO TRABALHO

“75 VIVE”, lê-se com alguma dificuldade apesar das letras garrafais na lateral sem janelas do edifício do número 461 da rua Espírito Santo, no centro de Belo Horizonte. Como qualquer pessoa que nasceu e cresceu em uma grande cidade brasileira, vi os pixos pelos muros sempre como um tipo de escrita impossível de ser lida. Antes de ser alfabetizada, tudo eram traços, riscos, espaços que eu não decodificava. Depois, fez-se a separação do que era palavra e do que não era aos meus olhos. Mas o que não era talvez fosse, palavra ilegível para mim - algo como uma escrita cuneiforme ou como os kanjis, os ideogramas japoneses cujo sistema ainda é um mistério para mim. Os pixos espalhados pela cidade continuaram me interpelando na vida adulta e as perguntas seguiram se multiplicando: quem fez? por que fez? como fez? o que quer dizer? como posso compreender? e o que a pessoa que fez queria que eu compreendesse? Aqueles escritos /

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa - Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG

traços / rabiscos me diziam (e continuam dizendo, marcando) que há algo incompreensível na cidade, há algo de que eu não faço parte, que eu não consigo compreender. Tal estranhamento tornou-se minha chave para observar o pixo e, por esse motivo, este texto é escrito em primeira pessoa. Afinal, é o sujeito que sou em contato com os pixos que observo, que o produzem.

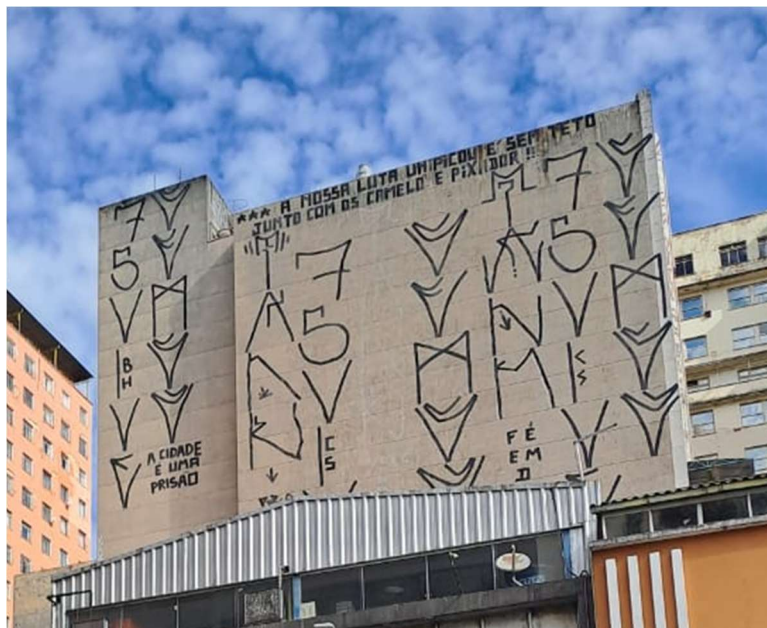
“75 VIVE” está em muitos prédios da cidade, muitos muros de todos os bairros. Na antiga sede da Ocupação Vicentão, ganham os olhos de quem passa ou fica pelas ruas do centro de Belo Horizonte, na clareira formada pelo triplo cruzamento das ruas Tupinambás, Espírito Santo e Av. Amazonas. No prédio lê-se, além dos códigos e caracteres estilizados, algumas frases escritas em caligrafia comum:

“A cidade é uma prisão.”

“Fé em Deus.”

“A nossa luta unificou é sem teto junto com os camelô e pixador!!!”

Figura 1: fachada cega do edifício da rua Espírito Santo, 461, vista da av. Amazonas



Fonte: autoria própria

Nessa enorme superfície de concreto, que tem seu espaço ocupado de borda a borda, há palavras e frases acessíveis e decodificáveis para mim e outras não. Formas que se repetem pela cidade. Pontas, curvas, traços feitos com rolos de tinta preta em um lugar muito alto e inacessível diretamente a partir da rua. Tento reunir os caracteres de forma

coerente, o 7 em cima se junta com o 5 abaixo, depois um V e um I, ladeado por uma sigla “BH”, iniciais do nome da cidade, em fonte bem menor. Junto desses dizeres, a frase “a cidade é uma prisão”. Sabemos que pode ser. Penso que, apesar da prisão, “75 vive”, está no alto e marca sua condição contínua de vida em resistência a cada vez que escreve em uma superfície de concreto.

Bem, essa é minha tentativa de colocar-me dentro do texto em um esforço que poderia explicá-lo (não intepretá-lo), como nos ensina Paul Ricoer (1991, apud Leal, 2018, p.32). Mas nada disso interessa. O pixo, como qualquer texto, não é informação sobre algo estável que exista *a priori*. Não se trata de “um produto, um resultado final de uma prática sociodiscursiva historicamente situada, mas algo que emerge em seu desenrolar, na multimodalidade e multidimensionalidade desses processos”, na síntese de Leal (2018, p.23).

Os traços na fachada do prédio me causam estranhamento e é essa a chave que me resta para colocá-los em movimento na forma de textualidade, tornar-me outro “para e pelo outro, num movimento em que conhecer o outro é conhecer-se a si como outro” (Leal, 2018, p.31/32). É difícil reconhecer-me, mais ainda compreender-me melhor a partir desse texto. A cada incursão que faço àquele cruzamento do hipercentro de Belo Horizonte, olho para cima e deixo o local com mais perguntas do que quando cheguei. Percebo que o pixo na paisagem da cidade é um texto que me interpela, não que me responde.

Diante dos sinais misturados - legíveis e ilegíveis para mim - a expressão de Gracia, “Entities that Constitute Texts (ECTs) (1996, p. 9 apud Leal, 2018 p. 24), soa bastante adequada, por alargar a visão de texto, “escapar da ‘naturalização’ dos signos e respeitar o fato de que, numa dada situação comunicativa, qualquer coisa pode adquirir função sígnica”. O pixo nos convoca a esse exercício. Os signos não são naturais, não são automaticamente decodificáveis. O senso comum talvez nos dissesse que não são textos, mas há muito mais que se chamar de texto do que as letras reunidas em palavras e articuladas por frases dentro do sistema de uma língua. Afinal, “os textos não são só elaborados por signos já convencionados e que mesmo o reconhecimento que algo integra uma rede textual depende da identificação da função sígnica que ele desempenha” (Leal, 2018, p. 25). Além dos traços, frases, formas de setas, asteriscos, aspas, procuro identificar outras entidades na rede de significados que acompanha as pixações e minha atenção se volta ao próprio prédio, com sua localização, entorno, história, perspectiva,

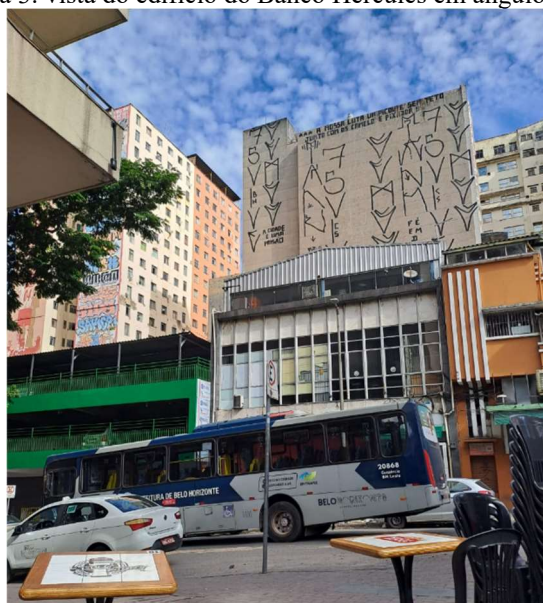
que também carregam função sígnica. Percebo que também há função sígnica na altura em que os pixos foram feitos, na cor da tinta, na repetição dos dizeres em vários locais, na música altíssima dos bares na av. Amazonas e assim por diante. A depender da experiência de quem lê, a lista de entidades que poderiam constituir texto junto com os pixos naquela fachada pode ser infinita e abarcar a complexidade da própria cidade.

Figura 2: Vista dos murais do Cura



Fonte: Cura.art

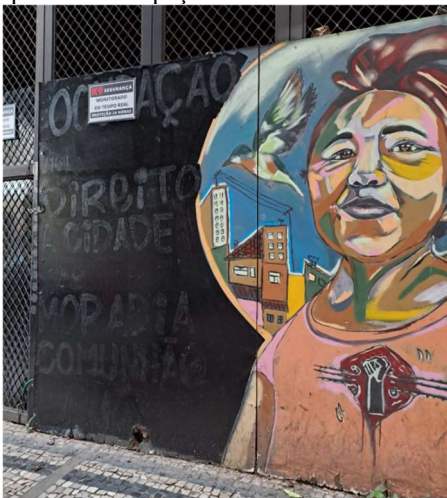
Figura 3: vista do edifício do Banco Hércules em ângulo aberto



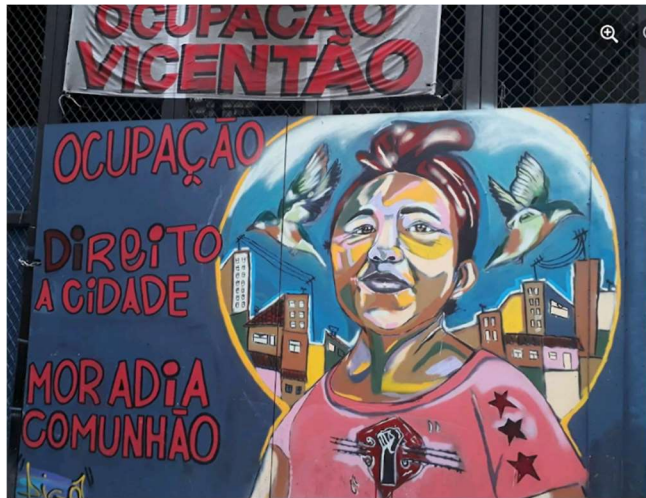
Fonte: autoria própria, 2023

Nessa lista, uma das entidades chama minha atenção mais imediatamente: o prédio onde estão inscritos os pixos observados. Eu já havia notado a fachada pixada em muitas caminhadas pelo centro da cidade. Mais recentemente, ler a frase “A luta unificou...” despertou curiosidade sobre o que vinha a ser aquele prédio e procurar a entrada. Me deparei com o grafite da portaria onde se vê uma mulher negra e alguns dizeres apagados por tinta. Me lembrei da ocupação e percebi que não havia mais nenhum movimento ali. O prédio estava vazio e fechado.

Figuras 4 e 5: entrada do edifício da rua Espírito Santo, 461. À esquerda, em maio de 2023, à direita quando a Ocupação Vicentão estava ativa.



Fonte: autoria própria



Fonte: página do Facebook do perfil Brigadas Populares

Busquei então informações sobre a Vicentão e descobri que o edifício foi construído na década de 80 para ser a sede do Banco Hércules. São dez pavimentos e um subsolo. Segundo trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Arquitetura da UFMG por Isabela Barreto (2019, p. 16), que participou dos serviços de assessoria técnica prestados à Ocupação por alunos e professores da escola, as condições da construção resultaram em andares “extensos e confinados, o que compromete a ventilação e a iluminação do edifício”. No tempo do Banco Hércules, o sistema de ar condicionado resolvia o problema, mas a empresa faliu quando o proprietário, Tasso Assunção, foi condenado por crime do colarinho branco, em 1994, e o ar condicionado parou de funcionar. Segundo matéria da jornalista Petra Fantini (s.d.) publicada no site O Beltrano, o empresário foi preso em 2004, enquanto vivia em uma espécie de *bunker* em sua casa. Morreu em 2010, depois de deixar a prisão. O prédio ficou abandonado e tinha uma dívida milionária em IPTU que a prefeitura não conseguia receber da massa falida. Muitos

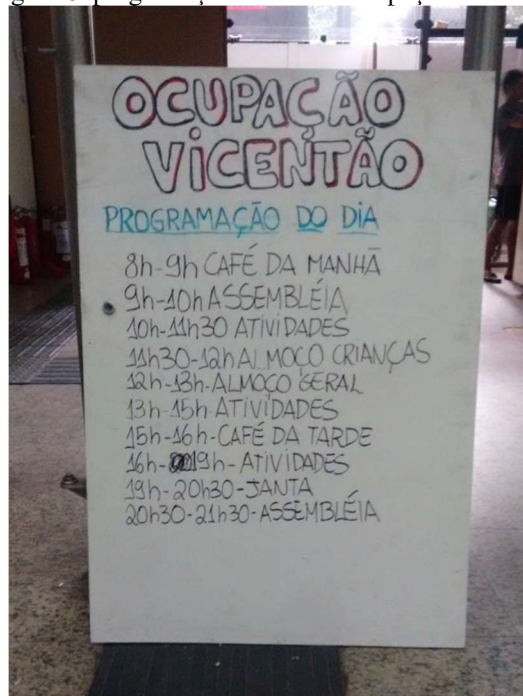
movimentos ocorreram no prédio durante os tempos de seu funcionamento como estabelecimento bancário, em seguida fechado para pessoas (mas não para ratos, baratas, fungos, musgos, para o vento, o sol, a chuva, etc) quando o Banco Hercules faliu. Em 2017, famílias reunidas em um núcleo de mobilização do movimento Brigadas Populares na região do Barreiro e outras oriundas de uma ocupação desmobilizada na região hospitalar se somaram a vendedores ambulantes que sofriam pressão por parte da prefeitura para deixarem o centro da cidade, onde trabalhavam. O grupo se articulou com a ajuda de movimentos sociais para começar os esforços de ocupação do prédio. Em janeiro de 2018 as famílias entraram no prédio e ele se tornou a Ocupação Vicentão, carregando o nome de Vicente Gonçalves, advogado popular que participou intensamente das lutas pelo direito à moradia ao longo de sua vida (Barreto, 2019, p.8). O lugar passou a ser o domicílio de famílias organizadas coletivamente, que limpavam, construíram, consertaram, cozinham, fizeram refeições, assembleias, aulas, cuidaram de suas crianças e realizaram todas as atividades de seu cotidiano (Figura 3). Um lugar vivo, uma casa enquanto coisa que se faz em relação e em processo e não pode ser observada como objeto inerte, como certamente notaria Ingold (2012):

“A casa real nunca fica pronta. Ela exige de seus moradores um esforço contínuo de reforço face ao vaivém de seus habitantes humanos e não humanos, para não falar do clima! A água das chuvas pinga através do telhado onde o vento carregou uma telha, alimentando o crescimento de fungos que ameaçam decompor a madeira. As canaletas estão cheias de folhas apodrecidas, e, como se não bastasse, lamenta Siza (1997, p. 48), ‘legiões de formigas invadem o batente das portas, e há sempre cadáveres de pássaros, ratos e gatos’. Não muito diferente da árvore. A casa real é uma reunião de vidas, e habitá-la é se juntar à reunião – ou, nos termos de Heidegger (1971), participar com a coisa na sua coisificação.” (Ingold, 2012, p.29)

Ao se pensar o texto do pixo em relação com tantas outras entidades que constituem texto em torno dele, temos uma rede formada por atores humanos e não humanos que se produzem e ao mesmo tempo produzem a rede, nos termos de Bruno Latour (2012). Mas a observação do pixo e seu entorno se torna mais fértil se falamos em “coisas” e “vida”, como nos propõe Ingold (2012, p.34). Para que não se reduza coisas a objetos e vida a agência, o prédio, a fachada, o pixo, ainda que não humanos, precisam ser vistos como coisa - “um agregado de fios vitais (...) um acontecer, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam” (Ingold, 2012, p. 29). Se tomados como objeto - algo que “coloca-se diante de nós como um fato consumado, oferecendo para

nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas” (ibid. p.29) - perdemos de vista a vida que acontece nesse ambiente de entes em transformação e em relação. E o que são os textos, se não relação ou, melhor dizendo com Leal, “amalgamas provisórios de relações em curso” (2018, p.22)?

Figura 6: programação do dia na Ocupação Vicentão



Fonte: Fantini, Petra (s.d)

Com Lefebvre, Ingold observa o espaço vivido para demonstrar a natureza dos fluxos, dos movimentos, das linhas que se formam entre as coisas, nas “trilhas reticulares deixadas por pessoas e animais à medida que eles seguem sua vida na casa, vila e cidade” (Ingold, 2012, p. 39). Da filosofia de Lefebvre (1991), Ingold busca o termo “malha”, que evoca a imagem das palavras na página de texto, comparando-a com os movimentos das atividades humanas e não humanas no espaço, “não como texto, mas como textura” (Ingold p.39). Tomada como parte de uma rede de fios de vida que se entrelaçam, uma casa é para ele mais uma textura do que uma edificação, lugar de uma experiência de gestos, ações, atividades - de verbos.

“Capturado nesses múltiplos emaranhados, cada monumento ou prédio é mais ‘arqui-textural’ que arquitetônico. Apesar de sua aparente permanência e solidez, eles também têm uma ecceidade que é sucessivamente experimentada nos panoramas, oclusões transições que se desenrolam ao longo da miríade de caminhos tomados pelos habitantes, de um cômodo a outro, saindo e entrando de portas, no ritmo dos seus afazeres quotidianos.” (Ingold, 2012, p. 39, 40)

Uma textura, imagino ao observar os traços pretos que formam “75 VIVE”, com as diferenças de tons provocadas pelo contato irregular do rolo de pintura com a parede do prédio, ela mesma formada por partes com mais ou menos musgos, marcas de chuva, descascados, uma textura é criada no atrito entre as coisas, no tato de alguém ou algo que percebe a superfície, no arranhão, na escoriação que mistura células ao cimento, desgasta o rolo de tinta, enfim, quando uma superfície afeta a outra. Uma textura, penso, se parece com uma textualidade enquanto alguma coisa que emerge das relações entre superfícies. A textura da tinta sobre o muro, impressa em parte pelo que ocorreu dentro do prédio, me leva a pensar que, assim como uma textualidade, é difícil definir onde começa e onde termina a textura, a porosidade das coisas (prédio, pixo, esquina, cidade) que observo.

Imagino as pessoas que se movem ou se moveram em torno do edifício do antigo Banco Hércules. Os fluxos de pedestres, automóveis, ônibus na rua, os olhares para a fachada, a buzina do caminhão cujo som atravessa as paredes. Por dentro, quando o Banco funcionava ou na Ocupação: pessoas pelas escadas e elevadores entre os pavimentos, na cozinha comunitária, operando computadores, entre o fogão, a geladeira, trocando o botijão de gás, em assembléias ou reuniões, entrando e saindo pela portaria, levando as crianças para a creche comunitária. Humanos, insetos, roedores, vegetais, fungos, lufadas de ar, gotas de chuva, raios de sol subindo e descendo o prédio, por dentro ou por fora, escrevendo sobre a fachada.

Se pudéssemos desenhar linhas para cada movimento desses, como ficaria a escrita, ou rabisco, criado pela atividade prática no ambiente em cada momento pelo qual esse espaço passou? Certamente teríamos uma figura de ambiente vivo, que vaza. “É nesses fluxos e contrafluxos, serpenteando através ou entre, sem começo nem fim – e não enquanto entidades conectadas com limites interiores ou exteriores – que as coisas são evidenciadas no mundo do ASO” (Ingold, 2012, p.40).

É possível dizer que esses movimentos produzem texto? Me parece que é neles (e em muitos outros que não pude imaginar mas que aconteceram e acontecem no edifício que observo) que se produz a vida que Ingold descreve e também que produz significado. Seria dizer que a vida, a porosidade das coisas, é o que produz texto, o que nos obrigaria a olhar uma rede como um “ambiente sem objetos”, para tentar apreender sua textualidade.

Neste ponto, faz-se necessário voltar à breve história da Ocupação Vicentão para contar, resumidamente e a grosso modo, como foi seu desfecho. A Ocupação chegou ao fim quando foi feito um acordo com a Prefeitura de Belo Horizonte para assentamento das famílias em terrenos da regularização fundiária do estado (BARRETO, 2019, p.89). Enquanto isso não ocorresse, as famílias receberiam aluguel social temporário por dois anos. Em 2021, os grupos foram desalojados em um processo que se esperava tranquilo, já que resultado de uma negociação.

“o presidente da COHAB acompanhou o processo, pressionando as famílias de tal forma que parecia que estavam sendo despejadas. Apesar de ter sido acordado durante a negociação, não foi disponibilizado um caminhão para auxiliar na mudança e, além disso, foi proposto que as famílias deixassem seus pertences, móveis e eletrodomésticos no edifício, desocupassem o prédio e voltassem no dia seguinte para terminar de fazer a mudança.” (Barreto, 2019, p.97)

Feita ainda durante o período de isolamento social provocado pela pandemia de SARs-COV19, a desocupação não foi tranquila e os moradores não tinham para onde ir. As famílias tiveram destinos diversos, com grupos buscando abrigo provisório em outras ocupações e considerando o aluguel coletivo de prédios no centro ou utilizando o aluguel social individualmente. O grupo acabou por se dispersar. No prédio fechado ficou uma discreta placa de “vigilância 24 horas”, uma ruína do capital, sinal de fracasso do sistema e de incompetência das instituições (afinal, o banco não existe mais, o edifício não cumpre sua função social e a Prefeitura de Belo Horizonte não consegue oferecer moradia às pessoas que pleiteiam esse direito diante de oito andares vazios de escritórios no centro da cidade).

A falta de circulação de ar foi um problema importante para as famílias na época da Ocupação mas os dizeres do pixo - “A nossa luta unificou é sem teto junto com os camelô e pixador!!!” - parecem materializar, nas paredes sem janela do prédio, a porosidade das superfícies que Ingold descreve, ainda que por esses poros não passe luz ou ar. Passa a expressão de um desejo, de uma aspiração, a marcação de uma experiência que acontece e se acumula no prédio e que é anunciada para a cidade. O pixo traz à superfície sinais dos fluxos daquilo que se dá dentro do edifício - uma coisa, que “tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo,

mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem neles contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios e nós” (Ingold, p.29). O pixo é um texto que evidencia a porosidade da superfície, a mistura entre dentro e fora, entre a Ocupação - as pessoas, coisas, desejos, movimentos que a constituíram - e a rua, a cidade. Como observa Ingold, “as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas” (Ingold, p. 29). Poderíamos pensar o mesmo sobre os textos?

Considerações finais

Terminei minha exploração do edifício da rua Espírito Santo, 461 reconhecendo que tracei também outras linhas naquele endereço. Um percurso físico, de visitas àquela esquina, mas também um percurso possível de observação do pixo na pesquisa, feito por linhas feitas e refeitas, por lugares que se mostraram mais relevantes, curiosos ou férteis para as reflexões que gostaria de fazer. Identifiquei alguns caminhos e cuidados, certamente não todos, ao se explorar as inscrições do pixo na cidade e as redes textuais que eles estabelecem. Recupero a seguir algumas das observações coletadas.

Os pixos provocam não só leituras, mas ilegibilidades, estranhamentos e, percebemos, essa é uma chave fundamental para colocá-los em movimento em forma de textualidade. Nem todos conseguem reconhecer-se no pixo e pode ser mais difícil ainda compreender-se melhor a partir desse texto. A muitos, resta estranhar-se. Percebemos então que o texto que observamos é, para boa parte dos habitantes da cidade, um texto que interpela, confronta, não que oferece respostas ou soluções.

Também percebi que ler o pixo sem que se caia na armadilha de tomá-lo por si, como se existisse sem relações ou mesmo como se essas relações fossem temporalmente localizadas e imutáveis, é algo fundamental na pesquisa, sob pena de ver escapar a vida que vaza e que constitui o texto de nossa observação. A abordagem proposta por Ingold, de perceber a porosidade das coisas e a multiplicidade e dinamismo da vida nas coisas, mostrou-se potente em fazer emergir a complexidade dos textos emaranhados na cidade. Tomada como parte de uma rede de fios de vida que se entrelaçam, uma casa é um lugar de gestos, ações, atividades - de verbos. Em nosso artigo, o edifício do antigo Banco Hércules também.

Com tais reflexões em mente, proponho que é a vida e seus movimentos que produzem o texto daquele pixo, constituem as ECTs na cidade em torno dele e tecem sua rede de significados. Ao ler na parede que “A nossa luta unificou é sem teto junto com os

camelô e pixador!!!”, termino meu percurso observando que os textos no prédio que observei - assim como as coisas descritas por Ingold - vazam, nesse caso, quase literalmente.

Referências:

CORREA, Cleber. Pichação. *Corpos em performance*. Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo. 2020

CORREA, Cleber. *Dialética das ruas: arte urbana etc*. Dissertação 2022

FANTINI, Petra. *Ocupação Vicentão: tomando o centro de volta*, O Beltrano, s.d. Disponível em: <<https://www.obeltrano.com.br/portfolio/ocupacao-vicentao-tomando-o-centro-de-volta/>> Acesso em 1 de junho de 2023.

INGOLD, Tim. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais* - Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social. Uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Bauru, 2012.

LEAL, Bruno. *Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação*. In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (Org.). *Textualidades Midiáticas*. Belo Horizonte: PPGCom UFMG, 2018. p. 17-34.

MENDONÇA, Rafael. *Goma fala*. O Beltrano, s.d. Disponível em <<https://www.obeltrano.com.br/portfolio/goma-fala/>>. Acesso em 1 de junho de 2023.

MUDROVCIC, Maria Inés. *Políticas del tiempo, políticas de la historia: ¿quiénes son mis contemporáneos?* *ArtCultura* Uberlândia, v. 20, n. 36, p. 7-14, jan.-jun. 2018

OLIVEIRA, Ana Karina. *Só assim você me escuta’: arranjos disposicionais dissensuais do aparecimento público de pixadores no contexto do combate ao pixo em Belo Horizonte*

POMIAN, Krzysztof. *Tempo e temporalidade*. Enciclopédia Eunaudi. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1993

RIBEIRO, Ana Paula Goulart, GOMES, Itania e LEAL, Bruno Souza. “Historicidade dos processos comunicacionais: elementos para uma abordagem”. In MUSSE, C, VARGAS, H. e NICOLAU, M. *Comunicação, mídias e temporalidades*. Salvador: Edufba, 2017.

Em meio à maior pandemia dos últimos cem anos, o governador Romeu Zema quer colocar 90 famílias para viver na rua. Zema, pague o Bolsa Moradia às famílias da Ocupação Vicentão! Belo Horizonte, 2 de junho de 2020. @brigadaspopulares. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CA8I8yijNRN/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRlODBiNWFiZA%3D%3D> Acesso em 2 de junho de 2023.

Situação de famílias da Ocupação Vicentão é tema de debate na Câmara, Câmara Municipal de Belo Horizonte, 2021. Disponível em <<https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2021/04/situa%C3%A7%C3%A3o-de-fam%C3%ADlias-da-ocupa%C3%A7%C3%A3o-vicent%C3%A3o-%C3%A9-tema-de-debate-na-c%C3%A2mara>> Acesso em 2 de junho de 2023.